



Os autores, ensaiadores, empresários, «maestro», artistas e coristas após a representação do primeiro acto da «Aleluia»

Teatros e Cinemas

COLISEU DO PORTO

«Aleluia» — fantasia-revista em 2 actos e 30 quadros

Iniciaram-se, ontem, sob os mais triunfais auspícios, os espectáculos teatrais no magestoso Coliseu do Porto. Evento extraordinário e de vulto — que vem dar, positivamente, à vida teatral cittadina ritmo mais intenso e contínuo. A noite de ontem, na nova casa de espectáculos, marcou como um véro acontecimento. Teatro chelinho como um ovo — apesar da sua grande lotação. Ficou ontem assegurado, com as flagrantes provas dadas, a excelência de construção do Coliseu. Mais do que isso: as suas óptimas condições de acústica e ampla visibilidade para o palco foram bem postas à prova. E, ao falarmos do palco, devemos, desde já, apontar um nome — o do conhecido maquinista teatral Veríssimo dos Santos, mestre consciencioso e proficiente no seu complexo ofício, competência absoluta na sua profissão, que, com carinho e proficiência, dirigiu as obras de construção do palco e fez a complicada e grandiosa montagem da peça. E o palco não é um trabalho banal de carpintaria — como no-lo prova, entre outros modernismos, aquele elevador que faz subir, à vista do publico, a orquestra.

A primeira da *Aleluia* teve de ser adiada, à última hora, de ante-ontem para ontem. Surdiram, tarde e a más horas, sérias dificuldades na complicada engenhagem daquela complexa maquinaria teatral. Teve de haver esse adiamento — para que não fossem amputados certos aspectos cénicos feéricos, espantosos e de grandiosa montagem. Não é caso inédito, porém, adiamentos nestas condições; já no *Sá da Bandeira* e no *Águia d'Ouro* houve, em noites de primeiras, adiamentos com o publico já às portas — e não eram teatros com palcos a experimentar pela primeira vez...

Devemos dizer, desde já, que *Aleluia* tem, ao lado de uma movimentada e esplendorosa *mise-en-scène*, uma montagem cénica surpreendente — de uma sumptuosidade que é, nesta hodierna época de materiais tão caros, uma verdadeira loucura. Só o capricho de querer dar à peça e à temporada que ela inicia uma grandesa insustida — é que justifica o luxo, o dispendio e a grandiosidade da montagem. E' a maior montagem do teatro de revista de que há memória. Não são panos que sóbem e descem, cortinas que se descerram e fecham — como está a ser de insistente usança entre nós, numa manifesta *pobresa-franciscana* cénica. Não; não é só a grandesa dos cenários, a maravilha dos seus debuxos, o encanto das suas côres, a delicadesa do seu bom-gosto, a beleza da sua concepção — é o maquinismo complexo da cena, com alcapões, com figuras que descem lá do alto, com várias escadarias, etc., tudo em extraordinários efeitos cénicos, que, em visões de admirável beleza, nos deslumbram, nos dão o maior prazer espiritual. A empresa arrendatária do Coliseu caprichou — e do seu capricho nasceu um espectáculo maravilhoso, com o seu ar cosmopolita, dando-nos aspectos que não se topavam melhores nas famosas companhias *Velasco* e *Ba-Ta-Clan*. Foi flagrante e entusiástico o êxito da *Aleluia*. Triunfou a peça, a interpretação, a montagem e o próprio teatro. Aquela guerra surda que, torpemente, estava a ser desencadeada na sombra, tombou. A vitória foi completa; assim o provaram aquelas três mil e tantas pessoas que riram, que deram manifestas provas do seu agrado, que aplaudiram constantemente e com calor, que fizeram repetir muitos números.

Arnaldo Leite e Heitor Campos Monteiro — senhores absolutos da técnica teatral e dos segredos da cena — tiveram a visão nitida e exacta da sua missão. Tratando-se de uma grande casa de espectáculos, eles viram, com clara inteligência, o panorama cénico que deviam dar ao seu novo original. Sem perder, totalmente, a linha de revista — a peça caracteriza-se, principalmente, pelo seu cunho fantasista. Os autores — requintadas sensibilidade de intelectuais — escreveram um roteiro precioso para que os cenógrafos e o *costumier* tivessem largas ensanchas de apresentar trabalho de vulto. Mas o panorama fantasista da peça não é óco; dentro daqueles aspectos luxuosos e belos há muito suco, muitas ideias, um humor forte de poder criador. Do principio ao fim, *Aleluia* é um álbum primoroso de imagens sedutoras — conjunto encantador de motivos deslumbrantes. O lirismo, o sentimento, o humorismo, a graça, a

crítica, o patriotismo, a oportunidade, o regionalismo, a fantasia, a evocação histórica e teatral, a nota popular, a bisarria, o modernismo — enfim, todo esse grande e misterioso conjunto de aspectos e detalhes que fazem o triunfo retumbante de uma peça ali se encontra, entretecendo, em delicadesa e sedução, a trama doirada e luminosa de um grandioso espectáculo que é, ao mesmo tempo, regalo espiritual dos olhos e dos ouvidos. Arnaldo e Heitor deixam bem vinculada, nesta adorável fantasia-revista, a quinta-essência dos seus talentos e dos seus temperamentos de verdadeiros intelectuais. A exaltação ao Porto lá está — com justiça e verdade. O *Cerco do Porto* é uma página arrebatadora. A História de

O desempenho — e a hora tardia em que escrevemos força-nos a sumular as nossas impressões — é esplendido.

Aura Abranches — grande nome no nosso teatro — é a primorosa actriz de sempre, a dar extraordinário relevo aos seus papéis e a emprestar-lhes a musicalidade da sua linda voz. Mrita Casimiro pluraliza-se em vários tipos, desdobrando-se em diversas interpretações, de gama cénica diferente — e sempre marcando com brilho a sua posição. Hortense Luz evidenciando, mais uma vez, a beleza do seu útil temperamento artístico. Félita Correia — delicadesa e lirismo — vai criando cada vez maior nome artístico; representou com distinção e cantou primorosamente. Maria Cristina, mocidade exuberante de verdadeira artista, deu aos seus variados papéis toda a expressão. Elisa Carreira — uma das mais lindas e distintas figuras do nosso teatro musicado — foi cheia de distinção e encantadoramente expressiva. Maria Luiza, com a sua arte captitosa e a sua alegria garrula, encheu a cena de vivacidade e modernismo. Branca Saldanha deu brilho às suas *vábulas*. Lucinda, grinda, graciosa e expressiva. Adelina Caldas distinguiu-se, apesar de ter pouco trabalho. Mannon Saldanha, em duas *partes*, evidenciou bons recursos. Vasco Santana exuberante de comicidade e pitoresco. Gil Ferreira, consciencioso e cheio de justeza como um actor de boa classe. Barroso Lopes realizou óptimas caricaturas e marcou com relevo todo o seu trabalho. Jorge Gentil foi o actor de boa escola que o publico conhece. Manuel Martins com justeza.

O *compadre* foi Soares Correia — trabalho de sóbrio cunho comico, cheio de espirito e oportunidade.

A montagem é grandios — já acima ficou dito. Maravilhosos os cenários e o guarda-roupa, este todo feito sob be-



Aura Abranches no «Adeus»...

Portugal perpassa na epopeia gloriosa de alguns dos seus maiores fastos. O regionalismo é nota alacrisante e vitoriosa. O espirito manifesta-se em multiplas passagens da obra. A grandiosidade, a fantasia deslumbrante, a maravilha cénica inundam os olhos de agurelas da maior beleza visual. A evocação teatral de artistas e peças antigas é admirável. Aquela evocação das operetas de outros tempos é arrebatadora no seu duplo aspecto cénico e musical. O *concertante* desse quadro é uma grande página de música. As notas cômica, sentimental e lirica são tratadas com elevação e talento. Uma grande peça — e um grandioso espectáculo, com duas apoteoses deslumbrantes.

Bernardo Ferreira, Armando Leça, Fernando de Carvalho e Raul Portela musicaram encantadoramente a peça.

los figurinos de Pinto Campos, que também ainda se distingue como cenógrafo. Todos os cenários são de mão de mestre. Cruz Caldas tem um feliz pano de caricaturas, Mestre António Gomes ensaiou belamente o poema. Piero realizou a *mise-en-scène*, e apresentou um trabalho grandioso, que o impõe, que faz um nome. Fernando de Carvalho — impecável na sua casaca — dirigiu, brilhantemente, a orquestra, formada por largo numero de excelentes elementos. Precioso o concurso do grande corpo coral de ambos os sexos e interessante a colaboração daquela revoada de petizes. Magníficos os efeitos de luz. Um espectáculo que se vê num ritmo de interesse crescente.

António de Macedo, empresário que sabe do seu ofício, merece uma referência pela maneira brilhante, grandiosa e proficiente como organizou o espectáculo.

Os aplausos foram unanimes e caldosos compartilhado deles. ram largamente ovacionado.

J.T. 850